



Crise político-social mexicana: o desaparecimento dos 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa nas páginas do jornal *El Universal*¹

ALMEIDA, Domingos Alves de (graduando)²

FERREIRA, Idayane da Silva (graduanda)³

SANTOS, Bruna Viveiros dos (graduanda)⁴

SANTOS, Francisca Kássia da Silva dos⁵

SOUZA, Francisca Daniela dos Santos⁶

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de (mestranda-Orientadora)⁷

Universidade Federal do Maranhão – UFMA - Imperatriz – MA

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a cobertura jornalística do jornal mexicano *El Universal*, sobre o desaparecimento dos 43 estudantes da Escola Normal Rural, Raúl Isidro Burgos, de Ayotzinapa, Estado de Guerrero, México. Pretende-se ainda, verificar os apontamentos do jornal sobre o desaparecimento dos estudantes e identificar como eles são representados pelo impresso. Para isso, realizou-se pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. Aponta-se para uma cobertura jornalística crítica e sensível, apresentando os 43 estudantes como vítimas do extermínio sistemático de lutadores sociais do país. As evidências apontam que os estudantes foram mortos e indicam a responsabilização do Estado mexicano pelos crimes.

PALAVRAS-CHAVE: México; Jornal *El Universal*; Estudantes; Ayotzinapa.

INTRODUÇÃO

O desaparecimento de 43 estudantes mexicanos, no dia 26 setembro de 2014, tornou mundialmente conhecido a comunidade de Ayotzinapa (localizada na cidade de Tixtla, estado de Guerrero, no México), sobretudo pela constatação de que o vínculo entre a violência do narcotráfico e as autoridades é mais enraizado do que se imagina.

O grupo de estudantes foi atacado pela polícia na cidade de Iguala, localizada no estado de Guerrero a aproximadamente 200 quilômetros da Cidade do México, quando se dirigia ao centro urbano para fazer pedágio com o intuito de custear a viagem a uma

¹Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

²Acadêmico de Comunicação Social /Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. E-mail: domingos.jzufma@gmail.com.

³Acadêmica do Curso de Comunicação Social /Jornalismo da UFMA. E-mail: i.dayane@hotmail.com.

⁴Acadêmica do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFMA. E-mail: bruna__viveiros@hotmail.com.

⁵Acadêmica do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFMA. E-mail: kassia.ufma@gmail.com.

⁶Acadêmica do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFMA. E-mail: dhaniela_f@hotmail.com.

⁷Mestranda em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. E-mail: brito.n.c.r@hotmail.com.



manifestação⁸. As investigações da justiça constataram que partiu do então prefeito de Iguala, José Luís Abarca, a “ordem para enfrentar” os estudantes, como forma de impedir que esses sabotassem um evento público de sua esposa, María de los Ángeles Pineda Villa, irmã de três narcotraficantes e que estaria lançando sua pré-candidatura a prefeita para eleições de 2015, para suceder o esposo.

Os estudantes faziam parte da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, de Ayotzinapa, que forma professores para atuarem nas comunidades rurais. Esse centro de estudos conta com alunos em regime de internato e tem tradição ideológica socialista. O ensino é público, gratuito e voltado, exclusivamente, para membros de famílias pobres.

A indignação diante da falta de respostas do governo para o ocorrido impulsionou a realização de uma das maiores mobilizações da história recente do país e provocou uma onda de protestos que ultrapassou as fronteiras do México, perpassou por instituições e autoridades internacionais, exigindo o esclarecimento imediato do fato. O caso conta com a intervenção da Comissão Internacional de Direitos Humanos nas investigações, revelando o caráter universal do problema, e desta maneira contradiz a postura que as autoridades federais mexicanas mostraram quando tentaram restringir o conflito ao âmbito local.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a cobertura realizada pelo jornal mexicano *El Universal* sobre o desaparecimento dos 43 estudantes da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, em Ayotzinapa. As cinco matérias estudadas foram extraídas da editoria *Nación*, disponíveis na versão online do *El Universal*, publicadas entre setembro e novembro de 2014. Busca-se ainda, verificar os apontamentos do jornal sobre o desaparecimento dos estudantes e identificar como eles são representados.

Na produção do presente artigo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica na busca dos referenciais teóricos sobre o tema. A pesquisa documental, no mapeamento de documentos sobre o assunto abordado, e a Análise de Conteúdo, que segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, *apud* Bardin, 2004, p. 42), “é uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. Destaca-se a metodologia como ferramenta norteadora do trabalho do pesquisador, de modo a garantir sua consistência científica. Gil (2009, p. 08) define o método “como o caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como

⁸Que ocorreria no dia 02 de outubro, na capital mexicana, data que recorda o assassinato de 350 estudantes pela polícia em 1968.



o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

JORNAL *EL UNIVERSAL*

Com uma tiragem de 180.000 exemplares diários, o *El Universal* é o terceiro maior em circulação no México. Vendido pelo valor equivalente a R\$ 1,00, o periódico de formato *standard*, tem 24 páginas distribuídas por 16 editorias (*Nación, Metrópoli, Edomex, Red Política, Estados, El mundo, Cartera, Tu cartera, Emprendedor, Espectáculos, Cultura, Estilos, Deportes, Universal TV, Sociedad, Obtuarios*) e orientação política de “direita conservadora”. O periódico foi fundado pelo engenheiro Félix Fulgencio Palavicini em 01 de outubro de 1916, no auge da Revolução Mexicana (1910-1920). De acordo com as informações disponibilizadas na plataforma *online* do jornal, “o objetivo do novo diário foi dar a palavra aos postulados emanados da Revolução Mexicana, quando começava o Congresso Constituinte daquele país”.

Desde su nacimiento, el diario ligó íntimamente su trayectoria a la defensa de los postulados emanados de la Carta Magna y se propuso fortalecer la reconstrucción económica, social y jurídica del país, mediante la aplicación de un ideario basado en la rehabilitación de la autoridad civil, antirreeleccionismo, apego a las garantías constitucionales, libertad de expresión e igualdad jurídica de la mujer (HISTÓRIA...2014)⁹

O jornal *El Universal* foi o primeiro veículo mexicano de comunicação a contratar os serviços de agências de notícias e a enviar correspondentes próprios ao interior do país e ao exterior. Quanto ao conteúdo, o diário se classifica como pluralista ideológico, com manifestações genuínas de liberdade de expressão, na busca por um país mais democrático. Em 26 de março de 1996, o diretor do jornal, Juan Francisco Ealy Ortiz, e o então reitor da Universidade Nacional Autónoma do México - UNAM, José Sarukhán Kermez, assinaram um convênio de cooperação para a publicação eletrônica da versão impressa do jornal. Cinco anos depois foi lançado o site www.eluniversal.com.mx, com ferramentas interativas e atualizações constantes das notícias. Atualmente o site do jornal “es uno de los sitios en español con más tráfico en todo el mundo. Al 2013 registra 16 millones de usuarios únicos al mes, un millón al día; además de 140 millones de *page views* al mes”¹⁰.

⁹ Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/pie/historia1.html>. Acessado em 27 de dez. 2014.

¹⁰ Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/pie/historia1.html>. Acessado em 27 de dez. 2014.



No que concerne à política de comunicação, a função social do jornal mexicano e sua respectiva linha editorial, *El Universal* destaca a necessidade de promover no país norte americano um estado democrático de direito. O periódico mexicano tem grande expressão internacional, é membro de diversas instituições da imprensa mundial, entre elas estão: *Certified Audit of Circulations*, *Instituto Verificador de Medios (IVM)*, *World Association of Newspapers (WAN)*, *Grupo de Diários de América (GDA)*, *Sociedad Interamericana de Prensa (SIP)*, *American Society of Newspapers Editors (ASNE)*. Nesse sentido, elege-se o Jornal *El Universal* para ser analisado, por sua representatividade e expressividade no universo da mídia impressa mexicana, e pela cobertura ostensiva que realizou da tragédia que acometeu os estudantes de Ayotzinapa.

SEQUESTRO, TORTURA E ASSASSINATOS. CRIME DE ESTADO?

O México atravessa uma profunda crise política e social, escancarada recentemente para o mundo após o país ter sido palco de uma tragédia: na noite do dia 26 de setembro de 2014, cerca de 30 militares da polícia municipal da cidade de Iguala, estado de Guerrero (México), atacaram selvagemmente três ônibus que traziam um grupo de 80 estudantes da Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos de Ayotzinapa, com tiros a queima-roupa e sem nenhuma advertência. No massacre, seis pessoas foram assassinadas, 20 ficaram feridas e cerca de 20 estudantes foram presos pela polícia. Outros 43 foram sequestrados e permanecem desaparecidos.

A morte do estudante Julio César Mondragón Fuentes, de 22 anos, representa a crueldade na ação da polícia. Antes de ser executado, foi preso, torturado e teve os olhos e a pele da face arrancados. O corpo foi encontrado na manhã de sábado (27/09) na periferia de Iguala. Villamil (2015, p. 31) explica que os assassinos “*no eran policías comunes sino todo un cuerpo de seguridad municipal al servicio Del cartel Guerreros Unidos*”, um dos grupos que comandam o crime organizado municipal.

A justiça Federal mexicana acusa o prefeito e a primeira dama de Iguala, José Luis Abarca Velásquez, do Partido da Revolução Democrática – PRD, e María de los Ángeles Pineda Villa, como mandantes dos crimes. Os dois são acusados dos crimes de homicídio, tentativa de homicídio e desaparecimento forçado, praticado contra os estudantes, conforme declarou o Procurador Geral da República, Jesús Murilo Karam. No dia 30 de setembro de 2014, Velásquez solicitou licença do cargo por 30 dias e fugiu



juntamente com a esposa para a Cidade do México - DF, onde foram presos pela Força de Segurança Nacional mexicana no dia 04 de novembro.

As diversas versões apresentadas pela justiça mexicana sobre o que, de fato, aconteceu aos estudantes desaparecidos são controversas e contestadas por organizações de defesa dos direitos humanos, movimentos sociais e pelos familiares das vítimas. Primeiramente, a justiça afirmou que os estudantes estariam escondidos para fazer pressão política aos governantes. No dia 05 de outubro, no entanto, o procurador do estado de Guerrero, Iñaki Blanco, fez mudar a versão oficial informando que dois suspeitos haviam sido presos e confessado o assassinato de 17 dos 43 estudantes a pedido de um dos chefes do narcotráfico de Guerrero, conhecido com “*el Choky*”. Entretanto, essa versão não foi comprovada pelos investigadores.

Um mês depois dos assassinatos, a versão oficial mudou outra vez. Sustentada por depoimentos de três novas testemunhas, a Procuradoria Geral da República (PGR) informou que os 43 jovens foram levados ao lixão do município de Cocula, assassinados, queimados e suas cinzas postas em sacos plásticos que foram despejados no Rio Cocula, como explica Villamil (2015, p. 34):

Según las investigaciones preliminares de la Procuraduría General de la República, sus restos fueron arrojados en bolsas de plástico a un río de Cocula, municipio colindante con Iguala, después de que sus cuerpos fueron calcinados en una hoguera que duró más de 14 horas y fue alimentada con diésel y leña, sin que nadie se diera cuenta de la pira humana que ocurría a unos cuantos kilómetros de Iguala, y sin que el batallón del ejército, acantonado en la zona, interviniera.

O sentimento humanitário de solidariedade em favor dos familiares dos estudantes mobilizou milhares de mexicanos e moveu protesto em diversas partes do mundo. A comunidade política internacional também reagiu. O Papa Francisco, em audiência geral no Vaticano, se solidarizou com os mexicanos e lamentou o que chamou de barbárie. Os Estados Unidos e a Organização dos Estados Americanos (OEA) exigiram esclarecimentos sobre o desaparecimento dos estudantes e a Organização das Nações Unidas – ONU criticou o governo mexicano por sua incapacidade para elucidar o caso. O ex-presidente do Uruguai, José Mujica, foi o único Chefe de Estado da América do Sul a se posicionar em relação à tragédia. Em entrevista à revista mexicana *Foreign Affairs*, no dia 21 de novembro de 2014, proferiu duras críticas ao sistema político mexicano. Mujica disse que, visto à distância, o México parece um “Estado falido”, onde os poderes públicos perderam totalmente o controle do país.



A advogada mexicana e professora da Universidad Pedagógica Nacional - UPN, Magdalena Gómez, aponta para a responsabilidade do país pelos assassinatos, torturas, sequestro e desaparecimentos dos estudantes normalistas e destaca que a situação é “*una crisis humanitaria de tal magnitud, que derivo en una crisis de Estado generada por el repudio social que se ha manifestado masivamente a nivel internacional y nacional a lo que sin Duda constituye un crimen de Estado*” (GOMÉZ, 2015, p. 50).

Navarro (2015) reforça as afirmações de Gómez (2015) e destaca também a prática de uma *narcopolítica* e o perigo que essa oferece a quem se opõe ao sistema que impera no México. Nessa perspectiva, o autor afirma que a impunidade generalizada prevalece no estado de Guerrero, fato que já provocou o assassinato e desaparecimento de lutadores sociais e os responsáveis não foram punidos.

O estado é palco de conflitos constantes entre as quadrilhas que disputam os centros de produção e mercados de drogas. Navarro (2015) cita o escritor italiano Roberto Saviano, reconhecido por seus livros sobre o “negócio” das drogas, para falar da existência de um *narcoestado*, ao ressaltar a relação do prefeito de Iguala e polícia local com o crime organizado, destacando que esse tipo de envolvimento está presente em muitos municípios do Estado de Guerrero. O autor explica que essa relação envolve também importantes políticos locais, deputados estaduais e federais, dirigentes partidários, chefes de polícia e comandantes militares (NAVARRO, 2015).

O QUE DIZEM AS MATÉRIAS DO EL UNIVERSAL SOBRE OS FATOS?

O Universo para esta análise consta de 170 matérias, distribuídas pelos gêneros jornalísticos: notícia, reportagem, coluna, artigo e charge, compõem um período de dois meses (28/09 a 31/11 de 2014). Desse quantitativo escolheu-se apenas 05, para efetivar a análise do conteúdo das mesmas. Com o objetivo de analisar a cobertura do jornal *El Universal* sobre o desaparecimento dos 43 estudantes mexicanos de Ayotzinapa, selecionou-se cinco matérias publicadas no período de setembro a novembro de 2014. Posteriormente, realizou-se uma análise descritiva, que consiste em descrever e interpretar o conteúdo das matérias. Verificando, sobretudo, os apontamentos do jornal sobre o caso e a representação dos estudantes assassinados.

A escolha das reportagens se deu a partir da leitura prévia do material produzido pelo jornal sobre o caso, contemplando um período de dois meses. Foram selecionadas as matérias que apresentavam contextualização e desdobramentos da tragédia de



Ayotzinapa. Desse modo, as reportagens selecionadas foram: *Policías atacan a normalistas en Guerrero*, de 28 de setembro de 2014; *Policías entregaron a los normalistas al crimen organizado* e *Ayotzinapa, cuna de movimientos sociales*, de 15 e 31 de outubro de 2014, respectivamente. Por fim, *Iniciará el lunes análisis de restos en Austria* e *Navarrete: remuevan de la PGR a Murillo* correspondendo aos dias 15 e 30 de novembro de 2014.

Iniciaremos a análise com a reportagem *Policías atacan a normalistas en Guerrero*, assinada por Vania Pigeonutt, jornalista do estado de Guerrero e correspondente do *El Universal*. A matéria, publicada no dia 28 de setembro, informa que entre a noite do dia 26 e a madrugada do dia 27 de setembro de 2014, policiais do município de Iguala e um grupo de homens armados atiraram contra o ônibus onde viajavam os normalistas e contra outros três veículos. Entre eles, o que transportava os jogadores da equipe de futebol da terceira divisão de Guerrero, *Los Avispones de Chilpancingo*. O texto relata cronologicamente os três fatos que deixaram 17 pessoas feridas e ocasionaram a morte de seis: dois normalistas, um jogador do *Los Avispones de Chilpancingo* e o motorista do veículo, além de uma mulher que viajava em um taxi. A sexta vítima é encontrada na manhã do dia 27, na avenida Periférico Norte (Iguala), o corpo¹¹ de um homem sem a pele do rosto e com os olhos arrancados, que poderia ser um dos normalistas.

Segundo a reportagem, após as ações violentas, o governo do Estado informou que forças federais e estaduais tomariam o controle municipal, até que fossem esclarecidos os fatos, enquanto a Comissão Nacional de Direitos Humanos (CNDH) havia apresentado queixa pelo ataque em Iguala, onde um grupo de inspetores assistentes realizariam as investigações. Além disso, o procurador do Estado de Guerrero, Iñaky Blanco reconheceu, em conferência, a participação de policiais nas mortes, sendo que aproximadamente 200 deles haviam sido desarmados e presos. O procurador também afirmou desconhecer que houvesse 25 desaparecidos, versão que foi desmentida pelos estudantes normalistas.

A jornalista descreve com comoção o estado de espírito das populações de Iguala e Chilpancingo após os fatos, em especial os familiares, amigos e vizinhos dos mortos. Além do luto e do clima de profunda tristeza, paira sobre todos o medo: “*El clima en Iguala es de zozobra, de acuerdo con vecinos y comentarios en redes sociales;*

¹¹ Posteriormente é confirmado que se trata de um dos normalistas, o estudante Julio César Mondragón Fontes.



la gente estableció un virtual toque de queda hasta que haya garantías para salir a las calles” (PIGEONUTT, 2014, não paginado).

Na matéria, apresentam-se como fontes: o secretário de saúde, Lazáro Mazón Alonso (que informa sobre o estado de saúde das pessoas feridas); os estudantes normalistas; o procurador do Estado de Guerrero, Iñaky Blanco; o prefeito de Iguala, José Abarca (que, em comunicado, condena o acontecido), populares de Chilpancingo, um dos jogadores da equipe de futebol, Juan Perales e a Procuradoria Geral de Justiça do Estado.

Os acontecimentos de Iguala sugerem massacre, ou seja, morticínio de forma cruel e em massa, porque fica evidente a intenção dos policiais em exterminar vários estudantes, sem a menor possibilidade de defesa. De acordo com que foi noticiado, os três ônibus que transportavam os normalistas, além de quatro veículos e uma motocicleta estavam com marcas de armamento pesado, possivelmente balas calibre 223 (AR-15). No entanto, na construção do texto são empregados os termos “fatos violentos” e “incidentes”, o que diminui a carga emocional da ocorrência, consequência da utilização de fontes oficiais interessadas em restringir os fatos ao âmbito local. Faz-se necessário apontar que em nenhum momento é apresentado qualquer razão para os atos violentos cometidos pela polícia contra os normalistas, nem qualquer fala de condolência por parte do governo para com os familiares das vítimas.

Ressalta-se que a jornalista se preocupa em realizar um contraponto entre as falas oficiais (governo) e as dos estudantes, demonstrando as contradições existentes nas duas versões. Outro aspecto a ser observado é a dramaticidade com que são tratados os acontecimentos, em especial a chegada da equipe que subsidia o município e a Federação Nacional de Esporte ao teatro de Chipancingo, tornando o leitor parte de uma tragédia sem precedentes. Segundo o que é registrado, as atividades de pedágio para a arrecadação de dinheiro são realizadas frequentemente em várias cidades do estado, assim como o fechamento de estradas e o “empréstimo” de carros pelos estudantes, em especial quando realizam marchas ou querem se mover para outros estados.

A segunda matéria analisada é: *Policías entregaron a los normalistas al crimen organizado*, de Doris Gómorra, publicada em 15 de outubro de 2014. A reportagem explica que 14 policiais municipais de Cocula foram detidos pela Procuradoria Geral da República (PGR), após confessarem haver entregue o grupo de normalistas aos 'Guerreros Unidos'. Segundo o procurador geral da República, Jesús Murillo Karam, as



amostras de DNA dos 28 corpos encontrados em seis fossas clandestinas nas proximidades de Iguala não correspondiam aos dos estudantes.

De acordo com o que é informado, com a detenção dos policiais subia para 45 o número de detidos à disposição da Justiça, até aquele momento. Todos confessaram algum tipo de participação no caso. Jesús Karam anunciou, ainda, que estava solicitando uma ordem de apreensão contra o prefeito e o diretor de Segurança Pública de Iguala, José Luis Abarca e Felipe Flores, pelo desaparecimento dos estudantes normalistas.

Conforme a reportagem, as buscas pelos desaparecidos se concentravam em Iguala e nos municípios próximos (Concula, Cuitzala, Tixtla e Huitzucó) e contava com a participação de quase 900 policiais federais. Além disso, os familiares dos estudantes juntamente com os ministérios públicos da Procuradoria Geral da República integravam quatro brigadas de localização, somando assim 18 pontos de buscas. A Polícia Federal, diariamente realizava visitas de reconhecimento em toda a região, com o apoio de equipes de inteligência, 16 cães farejadores, seis helicópteros e uma aeronave de reconhecimento.

No texto aparecem como fontes, principalmente, o procurador geral da República, Jesús Murillo Karam, o diretor-chefe da Agência de Investigação Criminal, Tomás Zerón de Lucio e o titular da Comissão Nacional de Segurança, Monte Alejandro Rubido. A construção da reportagem é elaborada com base, sobretudo, nas falas de fontes governamentais, desse modo, começa-se a definir uma das versões oficiais para os fatos: os estudantes normalistas foram sequestrados por policiais municipais e entregues aos narcotraficantes para serem mortos.

Pressões políticas haviam levado ao afastamento do governo de Guerrero das investigações, que passaram ao controle do governo federal. A condenação e as exigências para que o acontecido de setembro fosse o mais rapidamente esclarecido, advindas de instituições internacionais (como a ONU e a OEA), além das descobertas das fossas clandestinas, e o incêndio em parte do Palácio de Governo de Guerrero e da prefeitura de Chilpancingo, provocados por companheiros dos normalistas, obrigaram o governo mexicano a demonstrar efetividade nas buscas dos estudantes, nas investigações dos fatos e indicação dos responsáveis.

Ayotzinapa, cuna de movimientos sociales, é a matéria analisada em sequência. publicada no dia 31 de outubro, assinada pela jornalista guerreirense Vania Pigeonutt. Inicialmente, a matéria apresenta a Escola Normal Rural Raúl Isidro Burgos, como a única opção que os campesinos de Guerrero e estados próximos tem para sair da



pobreza, porque não há outra modalidade ensino disponível para eles, e expõe a concepção de Diego Castro Mejía - ex-estudante e atualmente professor na escola - sobre a Normal de Ayotzinapa. É feita uma abordagem sobre a filosofia/ideologia, práticas de ensino, bem como o fato de a escola ser conhecida por formar ativistas sociais e líderes comunitários.

Na sequência, a matéria enfatiza as investidas de partidos políticos, exército, os governos Federal e Estadual e as quadrilhas de narcotraficantes mexicanos para infiltrar pessoas entre os estudantes para “*conocer de cerca el pensamiento crítico y hasta para desestabilizar a algún movimiento incipiente*”. O texto detalha ainda, que os estudantes fazem leituras de pensadores socialistas, como Karl Marx, Federich Engels, Vladimir Lenin, Mao Tse-Tung, Ho Chi Minh, entre outros. E, posteriormente, um sucinto relato histórico das escolas Normais Rurais, que eram 39 e agora são 16, e o investimento do ex-Presidente mexicano Lázaro Cárdenas nessa modalidade de ensino.

A matéria é dividida em dois intertítulos: *Atrapados em los 60 y 70 e Represión e infiltrados*. No primeiro, é feito uma cronologia das ações de repressão das forças de segurança do Estado contra os estudantes e professores da Normal Rural de Ayotzinapa, no período de 2007 a 2014. É relatado que os normalistas têm detectado dezenas de infiltrados, inclusive na direção estudantil da escola. As cerimônias de formaturas estão sendo realizadas com apoio de políticos, quem eles criticavam.

O segundo tópico traz o posicionamento do ex-guerrilheiro mexicano, Fernando Pineda Ochoa, que acredita que houve *colusión entre narcotráfico y gobierno em La masacre de Iguala* em setembro de 2014, e que os estudantes devem rever seus discursos e ficarem atentos aos que ingressam na instituição, porque os infiltrados têm manchado a imagem da escola que foi iniciada com finalidades nobres.

Percebe-se nessa matéria, que a jornalista teve a preocupação de contextualizar o assunto para melhor compreensão do leitor sobre o fato. A reportagem tem um direcionamento para a defesa do modelo de ensino das escolas normais rurais, e sensível à tragédia que acometeu os estudantes. Esse direcionamento é evidente nos discursos das fontes evocadas: O ex-estudante e professor da Escola Normal, Diego Castro Mejía, e o ex-guerrilheiro mexicano, Fernando Pineda Ochoa.

A escola é apresentada com um espaço formador de cidadãos sensíveis às causas humanas e sociais. A matéria ressalta o currículo politizado da escola e a formação política e social dos estudantes, que, depois de formados, atuam na educação campestre. O texto externa, ainda, certo pertencimento e sentimentalismo em relação ao sofrimento



das famílias dos 43 estudantes de Ayotzinapa, tanto nas falas evocadas das fontes, quanto nas da própria jornalista Vania Pigeonutt. E o leitor é situado no contexto histórico da educação nas comunidades rurais no México.

No dia 15 de novembro de 2014, o periódico mexicano veiculou uma pequena matéria da jornalista Natalia Gómez: *Iniciará el lunes análisis de restos en Austria*. Trata-se dos restos mortais encontrados durante as buscas pelos 43 estudantes desaparecidos, e que foram enviados ao Instituto de Medicina Legal da Universidade de *Innsbruck* na Áustria, para exames de DNA para identificar se pertencem a algum dos normalistas. A matéria explica que o primeiro passo será definir se o DNA tem qualidade suficiente para comparar com os dos familiares. Devido ao estado de carbonização dos restos, os fragmentos encontrados não apresentam boas condições para identificação.

Nesta reportagem há a presença de apenas uma fonte, o diretor do Instituto de Medicina Legal da universidade austríaca, Richard S. Scheithauer. De forma breve, a matéria traz desdobramentos relevantes das investigações do desaparecimento dos 43 estudantes de Ayotzinapa, como o achado dos restos mortais que pode ser de um deles. Ao revelar as condições em que os restos mortais foram encontrados, a matéria, além de apontar indícios de que os normalistas estão mortos, revela a forma desumana como eles foram assassinados. E reforça ainda mais a incapacidade do governo mexicano em apresentar resultados que possam esclarecer o fato.

A última matéria analisada é do dia 30 de novembro de 2014, assinada pela jornalista Heriberta Ferrer: *Navarrete: remuevan de la PGR a Murillo*. Essa ressalta que o presidente do Partido da Revolução Democrática – PRD (a “esquerda” mexicana), Carlos Navarrete Ruiz, propôs a substituição do Procurador Geral da República, Jesús Murillo Karam, diante do fracasso em oferecer explicações sobre o desaparecimento dos 43 estudantes de Ayotzinapa. A matéria destaca a renúncia do presidente de honra (líder moral) do PRD, Cuauhtémoc Cárdenas Solórzano, e que o partido criou uma comissão para esclarecer porque foi permitida a candidatura de José Luís Abarca em 2012, e para punir político e penalmente os responsáveis pela tragédia de Iguala.

Conforme a reportagem, no dia 29 novembro de 2014 foi realizado o IX Conselho Nacional do PRD. Na ocasião os partidários foram convocados a reconstruírem a imagem do partido para não perderem o eleitorado. E que diante da tragédia protagonizada por José Luís Abarca, os *perredistas*, que são divididos ideologicamente dentro do próprio partido entre as correntes: Esquerda Democrática



Nacional, Coalizão de Esquerda e Movimento Progressista, pediram a renúncia do presidente do PRD.

O texto esclarece que durante a reunião do Conselho, Martha Dalia Gastélum, Conselheira Nacional do PRD, denunciou que em março de 2012 havia informado ao ex-presidente do partido, Jesús Zambrano, que *operredista* Faustino Carbajal Salgado pediu apoio para ser candidato a prefeito de Iguala e apresentou documentos que comprovavam os vínculos de Abarca com o cartel de narcotráfico de Beltrán Leyva. Ainda segundo a matéria, o conselho discutiu também a escolha dos candidatos a deputados federais, bem como a elaboração do Plano Estratégico para as eleições de 2015.

Essa última matéria traz a repercussão negativa dentro do Partido da Revolução Democrática – PRD, por conta da ação do ex-prefeito de Igual, José Luis Abarca, apontado como responsável pelo desaparecimento e sequestro dos 43 estudantes. O partido admite a falha na escolha de Abarca para candidato a prefeito, mas demonstra que a maior preocupação é com a imagem junto ao eleitorado. A renúncia do presidente de honra e fundador do PRD é a maior demonstração da admissão de culpa no caso de Iguala, de um partido que estranhamente, ainda se diz de esquerda. Enquanto o presidente do PRD pede a substituição do Procurador Geral da República, os membros do seu próprio partido pedem a sua renúncia da presidência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de realizada a análise de conteúdo nas matérias selecionadas, nota-se que as fontes, os termos e algumas expressões utilizadas dão ao assunto abordado um direcionamento diferente ao que normalmente se espera de um jornal capitalista e “conservador” de “direita” como se auto define o periódico mexicano *El Universal*. O jornal fez uma cobertura crítica, se posicionando em favor dos familiares dos 43 estudantes de Ayotzinapa assassinados e, apresentando-os como vítimas do sistema narco-político do País.

Embora o *El Universal* se considere um veículo de “direita” e “conservador”, as matérias aqui analisadas fazem ainda, abordagens progressistas e apresentam visões analíticas, sociais, críticas e sensíveis ao acontecimento. As evidências apresentadas pelo jornal e o histórico de assassinatos de militantes sociais mexicanos indicam que os estudantes foram mortos. A crueldade do acontecimento não se encaixa no contexto de



um país que se diz democrático, porque revela à comunidade internacional um México falido politicamente e que não preserva os acordos internacionais que asseguram a inviolabilidade dos direitos humanos.

A partir dos apontamentos do jornal sobre o desaparecimento dos estudantes, e diante das reflexões teóricas apresentadas nesse artigo, pode-se chegar à conclusão de que os 43 estudantes da Escola Normal Rural de Ayotzinapa, Raúl Isidro Burgos, estão mortos e é incontestável a participação das forças de segurança do Estado mexicano no sequestro, desaparecimento e morte dos estudantes. Ficou evidente também, que as autoridades políticas e jurídicas do país trataram o caso de Ayotzinapa com naturalidade e até certa indiferença, buscando sempre retirar a responsabilidade do governo sobre o fato. Os únicos pequenos avanços e resultados alcançados em relação ao desaparecimento dos estudantes só foram possíveis graças às pressões políticas internacionais, as mobilizações da população mexicana e ao trabalho de alguns órgãos da imprensa que deram visibilidade ao fato. Essa visibilidade mobilizou campanhas nacionais como: *¡Fue el Estado!* e *¡Vivos se los llevaron, vivos los queremos!*



REFERÊNCIAS

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

GÓMEZ, Magdalena. **Ayotzinapa: de la crisis humanitaria a la crisis de Estado**. *El Cotidiano*, Cidade do México – DF, v. 30, n. 189, p. 50-59, jan./fev. 2015. Disponível em: <http://elcotidianoenlinea.com.mx/beta/index.html>. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

HERNANDEZ, Anabel. **Gobierno mexicano participó do ataque contra estudiantes de Ayotzinapa**. Agência Apublica. Disponível em: <http://apublica.org/2015/01/gobierno-mexicano-participo-do-ataque-contra-estudiantes-de-ayotzinapa/>. Acessado em 16 de janeiro de 2015.

HISTÓRIA ampliada. *El Universal*. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/pie/historia1.html>. Acessado em: 12 de dezembro de 2015.

MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. *Diccionario de Análise do Discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

NAVARRO, Luis Hernández. **Ayotzinapa: el dolor y la esperanza**. *El Cotidiano*. Cidade do México, v. 30, n. 189, p. 07-17, jan./fev. 2015. Disponível em: <http://elcotidianoenlinea.com.mx/beta/index.html>. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

VILLAMIL, Jenaro. **Caso Iguala: la crisis del sexenio**. *El Cotidiano*, Cidade do México – DF, v. 30, n. 189, p. 31-36, jan./fev. 2015. Disponível em: <http://elcotidianoenlinea.com.mx/beta/index.html>. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

<<MATÉRIAS ANALISADAS>>

PIGEONUTT, Vania. **Policías atacan a normalistas en Guerrero**. *El Universal*, Cidade do México. 28 de set. 2014. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/estados/2014/policias-atacan-a-normalistas-en-guerrero-1041696.html>. Acessado em 08 de dez. de 2014.

GÓMORA, Doris. **Policías entregaron a los normalistas al crimen organizado**. *El Universal*, Cidade do México. 15 de out. de 2014. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/nacion-mexico/2014/impreso/-8220policias-entregaron-a-los-normalistas-al-crimenorganizado-8221-219386.html>. Acessado em: 08 de dez. de 2014.

PIGEONUTT, Vania. **Ayotzinapa, cuna de movimientos sociales**. *El Universal*, Cidade do México. 31 de out. de 2014. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/nacion-mexico/2014/impreso/ayotzinapa-cuna-de-movimientos-sociales-219872.html>. Acessado em: 10 de dez. de 2014.

GÓMEZ, Natalia. **Iniciará el lunes análisis de restos en Austria**. *El Universal*, Cidade do México. 15 de nov. de 2014. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/nacion-mexico/2014/impreso/iniciara-el-lunes-analisis-de-restos-en-austria-220332.html>. Acessado em: 13 de dez. 2014.

FERRER, Heriberta. **Navarrete: remuevan de la PGR a Murillo**. *El Universal*, Cidade do México. 30 de nov. de 2014. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/nacion-mexico/2014/impreso/navarrete-remuevan-de-la-pgr-a-murillo-220788.html>. Acessado em 13 de dez. 2014.